

TERRA DO SUL 25-09-23

Eram pedras descalças
um parto de caminhos estridentes,
afundados na boca do caminho
com musgos longos.

Espelhos de rios
em prantos de arquipélagos
transbordavam o solo de cravos,
onde o olhar da árvore
recolhia os seus ramos esmagados.

Assim cresceu a pomba
afundada na frente das minhas têmeoras
poeirentas;
o louro, as violetas
e a embriagada primavera.

Toda a terra revestida
de fetos quentes
bebeu a misteriosa neblina
ajoelhando a sua costela
nas raízes verticais húmidas
do sul apaixonado.

Então brotei da boca
envelhecida das suas valas
como um crepúsculo desfeito de palavras
encurrulado
nas mãos do vento,
no ruído sonoro das águas.

Eu vagueei
na espessa neblina do esquecimento,
e a brisa desajeitada da minha alma
conheceu o palpitar
do seu ventre de seda
no seu longo cabelo de esmeralda.
Penetrei os seus peitos molhados de
suculentas,
povoados de solidão,
onde bebi o cristal das águas murchas
na boca fechada do seu caminho.

Estiquei as fendas da minha alma
sobre a parede
da lama consumida;
e esquecido
entre a sombra das florestas
transcrevi o teu voo em silêncio.

Eram apenas o eco de velhas melodias,
parto de argila calcinada,
lua de abelhas e estames,
cauda de pirilampos virgens,
leite de um círculo cansado,
trigo de tela suave,
raio de turpiais sonâmbulos,
música enraizada de aves,
feijão germinado de cocôs,
árvores de canas espalhadas.

Sobre a terra do sul
deixei os suspiros rachados
num movimento de abraços;
o cadavérico corpo dos ramos,
os grilos enlutados de doces ferramentas
e a imensa tristeza do meu peito.

(Mar y Sombra 1998)

Ramón Uzcátegui M., sc

(FOTO: [Jake Kokot](#))

